

Traduções da vida comum: possibilidades a partir do romance *Chão dos Lobos*, de Dalcídio Jurandir

Juliana Cunha Menezes*

Fernando Jorge dos Santos Farias**

Madelinne de Sousa Moura***

Ana Clara Gontijo Alves****

Carlos Jean da Silva Pereira*****

1. Considerações iniciais

Como trataremos de uma obra de Dalcídio Jurandir, um grande escritor da Amazônia Paraense que, infelizmente, ainda não é muito conhecido, começaremos este trabalho apresentando, no próximo parágrafo, alguns aspectos de sua vida e obra que foram retirados de Farias (2009, 2018).

Em 10 de janeiro de 1909, na Vila de Ponta de Pedras (Ilha do Marajó, Pará), nasceu Dalcídio Ramos Pereira, que viria a se consagrar no campo literário como Dalcídio Jurandir. Filho de Alfredo Pereira e Margarida Ramos, nasceu em um chalé à beira do rio, ainda hoje existente. Em 1910, mudou-se para Vila de Cachoeira, na mesma ilha, lugar no qual passou sua infância aprendendo com sua mãe as primeiras letras. Em 1929, seguiu para Gurupá em outubro, onde escreveu a primeira versão de *Chove nos campos de Cachoeira*, primeiro

* Universidade Federal do Pará e Universidade Federal do Oeste do Pará (ICED - UFOPA)

** Universidade Federal do Pará - UFPA/Campus Altamira

*** Universidade Federal do Pará

**** Universidade Federal do Pará

***** Universidade Federal do Pará

livro da série “Extremo-Norte”, que tem um total de dez obras. Em 1968, lançou, pela Livraria Martins Editora, *Primeira manhã*, e conclui *Chão dos Lobos*, penúltimo romance da série “Extremo-Norte”. A última narrativa da série acima citada, *Ribanceira*, foi concluída em 1970. No dia 16 de junho de 1979, o escritor faleceu na cidade do Rio de Janeiro, sendo sepultado no Cemitério de São João Batista. A prefeitura de Belém homenageia o autor, dando seu nome a uma praça pública e, em Ponta de Pedras, sua cidade natal, há uma escola com seu nome.

Este trabalho é fruto de um grande projeto de pesquisa em tradução literária, cujos resultados esperados abrangem a tradução completa, para o inglês, da obra *Chão dos Lobos*, de Dalcídio Jurandir, e um glossário ao final da obra. Essa lista de termos com suas definições está escrita toda em língua portuguesa, e foi feita pelo editor e revisor do livro, André Felipe Fernandes. A tradução integral desse glossário já foi realizada e publicada no site da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT). Ao longo da tradução da cena um, foram encontradas mais palavras bem importantes para a narrativa. Assim, o grupo de pesquisa decidiu criar um glossário extra, todo em inglês. Além dos vocábulos e suas explicações em cada um dos glossários traduzidos há também imagens em alguns verbetes, a fim de que o leitor de língua inglesa possa visualizar árvores, frutas, animais, objetos, todos muito característicos da Amazônia Paraense.

Podemos considerar que os objetivos deste trabalho incluem discutirmos aspectos referentes à tradução da vida do povo da Amazônia Paraense que Dalcídio apresenta nas primeiras cenas da obra *Chão dos Lobos*; e analisarmos algumas soluções utilizadas na tradução para o inglês da cena um, que trata do cotidiano da cidade, do subúrbio de Belém. Assim, cremos ser capazes de construir mais conhecimento sobre essa região do país, bem como fornecer recursos para profissionais da tradução possivelmente interessados em traduzir, para a língua inglesa, outras obras desse autor. Tal divisão por cenas baseia-se naquela proposta por Farias (2019) no prefácio da

segunda edição da obra em questão, a qual será levada em consideração para a discussão neste trabalho. Segundo esse professor e pesquisador, a narrativa pode ser dividida em três lotes: primeiro lote, da cena um até a oito; segundo lote, da nove até a treze; terceiro lote, da catorze até a dezessete.

No livro discutido neste trabalho, publicado originalmente em 1976 pela editora Record, avista-se Alfredo (personagem central dos romances de Dalcídio), em plena juventude, angustiado pela constatação/confirmação das desigualdades socioeducacionais brasileiras (dentre outras), situação esta que aumenta ainda mais sua decepção com os estudos na capital do Pará. Na obra, acentuadamente circundante à periferia de Belém, temos personagens devotados ao serviço braçal (e em parte a trabalhos escravos), explorados pela família Lobos, uma família de latifundiários urbanos.

Ao tratarmos de *tradução* da forma como é discutida, em grande parte, na seção dois, levaremos em consideração uma das definições encontradas no Dicionário Aulete Digital: “O que expressa uma sensação, um sentimento; imagem; reflexo” (AULETE DIGITAL, 2006). A tradução da vida comum amazônida, realizada por Dalcídio, tenta transmitir, para as páginas de seus livros, as emoções, os hábitos, os linguajares, o modo irreverente de ser do povo dessa região. No tocante à ideia de *tradução* do modo como é debatida na seção três, consideraremos a noção de *tradução interlingual* de Jakobson: “Tradução interlingual ou tradução propriamente dita trata-se da interpretação de signos verbais através de uma outra língua¹” (JAKOBSON, 1959, p. 233 *apud* CAMILO; MENEZES, 2024, p. 75, tradução nossa). No caso, discutiremos a tradução de signos verbais do português para o inglês.

¹ “Interlingual translation or translation proper is an interpretation of verbal signs by means of some other language.”

2. Dalcídio Jurandir, tradutor da vida comum na Amazônia

A obra literária em si tem como lastro o fato de um intelectual, pertencente ou não à classe ou ao mundo que representa, se prestar a traduzir, para a ficção, muito daquilo que vivenciou em termos práticos, memorialísticos (com a colaboração das memórias coletivas) ou, minimamente, muito daquilo que levantou com pesquisas, investigação de hábitos, costumes, práticas sociais, concepções e valores inerentes a determinada época. Esse ato, advindo de experiências cotidianas, como destaca Candido (2014), oferece-nos uma obra atrativa e impregnada de identificação com as narrativas do escritor que a produziu.

No caso de Dalcídio Jurandir, vindo de uma linhagem paterna decaída economicamente, como registrou Farias (2018), sua família investe nos estudos dos filhos como forma de compensar parte da quebra em que se encontravam. Se o reerguer econômico já não era possível, o aumento do montante de capital simbólico se mostrou a maneira possível de reconverterem o capital conquistado, de continuarem com algum prestígio na localidade onde viviam.

Dalcídio Jurandir, o filho mais jovem, logo se revelou pouco inclinado aos estudos escolares, condição essa que o canalizou ao *boom* de muitos jovens no início do século passado: o ingresso no serviço público, nos jornais, na produção literária como forma de registrar, traduzir para a literatura um Brasil que pouco atentava para as suas disparidades, para as múltiplas diferenças que o compõem.

Assim, seguindo esses desdobramentos em sua vida pessoal e profissional, Dalcídio se colocou como um porta-voz, alguém capaz de traduzir as vivências do povo simples da Amazônia. Em entrevista à *Revista Escrita*, três anos antes de seu falecimento, Dalcídio reflete sobre seu trabalho com a palavra:

Foi a tentativa inicial de transmitir, em termos de ficção, o que vive, sente e sonha o homem [...]. Vale como um depoimento, uma memória, uma denúncia, uma antecipação. Tentei captar o trivial, o não heroico, o dia-a-dia da vida [...], vida que parece tão coisa nenhuma e é, no entanto, tão de

todo mundo. Não figurei [...] como um inferno nem tampouco como um paraíso perdido. Criei nela o meu universo, a terra encantada, e escrevi com prazer, candura e desencanto, com obstinação ingênua e saboroso desgosto, horas e horas vivi na mais divertida e amarga ilusão literária. A flauta é tosca, toquei de orelha, mas toquei com sentimento [...]. Os temas dos meus romances vêm do meio daquela quantidade de gente das canoas, dos vaqueiros, dos colhedores de açaí [...]. Acumulei experiências, pesquisei a linguagem, o falar paraense, memórias, imaginação, indagações. (TORRES; MARANHÃO; GALVÃO, 1976, p 3-4)

Como viera a experimentar a vida com poucos recursos financeiros, a série romanesca de Dalcídio se distancia do aspecto paternalista, como elabora Schwarz (1983; 2000). Nessa proposição, os intelectuais quase sempre pertenciam a uma elite e, por essa condição, se viam na legitimidade e possibilidade de aceitação pelos pares no campo literário, de registrar ficcionalmente as camadas populares. Emprestando as palavras de Resende (1983, p. 74), destinadas à vida e obra de Lima Barreto, é possível dizer que Dalcídio não é um “escritor-proletário”, mas é, certamente, “por sua biografia e opção ideológica, um dos escritores mais profundamente ligados aos pobres e empobrecidos, aos trabalhadores e desempregados, em nossa literatura”. Essa ligação, sem sombra de dúvidas, valida sua tradução, em termos de ficção, das vivências e sonhos do homem na Amazônia.

Aliás, essa ligação muito se assemelha ao “plano de traduções” observado por Vilaça (1998) acerca da obra do “bruxo do Cosme velho”. Guardadas as devidas proporções, podemos dizer que ambos operam como “tradutores de si mesmos”. Enquanto que o escritor fluminense opera com analogias, simetrias e equivalências, e dilui em seus personagens um vasto acúmulo da cultura, da tradição literária que absorvera, o romancista da Amazônia usa em sua composição a estratégia de capturar almas, cenas, figuras, linguagens, coisas, bichos, costumes, enfim, diferentes aspectos da cultura e do saber do norte brasileiro, um vasto leque de experiências. Suas e dos outros.

Esse repositório é engendrado em seus romances, ora na vida, nas ações, nos pensamentos, ora nas proposições e realizações de seus

personagens, com grande atenção para o salto de conversão de um material vivencial, bruto, para a qualificação de romance universal. Em Dalcídio, podemos dizer, amparados nas reflexões de Loureiro (2021), que há uma universalidade no romance dalcidiano, não por ter puramente “cantado sua aldeia”, mas por ter usado os recursos literários em sua composição ficcional dos aspectos e condições de toda uma região. Isso correspondeu a uma maneira original, acima de tudo, pelo emprego de uma linguagem literária exemplar, o que, por sua vez, pavimentou o caminho possível para a universalidade do escrito, sua justa rotulação de tradutor da condição humana.

Mesmo trabalhando pela lógica de fazer do local um universal (ainda que não assumisse), essa operação, ao que julgamos, gerou a ele e aos seus romances certas desventuras literárias, um reducionismo injusto e ingrato de “registro social”, coisa flagrante quando erguemos a perspectiva analítica de Dalcastagnè (2018, p. 14): a ficção literária brasileira, seus autores, editores e leitores alimentam um mundo de escrita “homogênea, escrita do ponto de vista de uma classe média autorreferente e entediante”.

Há alguns aspectos da vida de Dalcídio e do protagonista de seus romances, Alfredo, que são comuns às vidas de vários seres na Amazônia e no mundo. Dalcídio era negro, filho de uma classe pobre, não tinha estudos escolares superiores, morador, pelo menos até antes de sua fase adulta, distante dos grandes centros culturais, mas que não abria mão de firmar que tinha algo a dizer, e que o faria por meio da literatura. Quanto a Alfredo, podemos notar que é um garoto/adolescente negro, em enfraquecido conflito com sua identificação racial (uma vez que seu pai era branco) e com uma situação financeira ruim (porém “o de melhor condição em sua localidade”). Tal personagem é morador de um lugar com poucas perspectivas/expectativas, o que, em grande medida, o impulsiona a sonhar com uma vida escolar no exterior, a tentar a vida nos grandes centros urbanos-culturais, em especial Belém e Rio de Janeiro.

E, para exemplificar esse processo de tradução da vida comum

na Amazônia e no mundo (vida local e universal), peguemos um grupo temático circundante ao seu criador, a sua época, e comparemos com determinadas passagens dispostas no penúltimo romance de sua série romanesca, a obra *Chão dos Lobos* (em especial nas primeiras cenas da vasta narrativa). Já na entrada da obra, encontramos exemplos que validam seu salto do local para o universal. Avista-se o emprego de formas literárias, de técnicas, cuidados em sua confecção, o que, em última análise, eleva o dizer do amazônida de vida comum que, adequadamente cantou sua terra, e assim cantou o mundo.

O grupo temático a ser destacado diz respeito à educação na Amazônia em sua precariedade, os diferentes saberes e conhecimentos veiculados nas periferias/zonas rurais, que, em sua realização, mobilizam formas de libertação, resistência e afirmação. Por fim, toquemos na inclinação ao trabalho manifestada por alguns personagens, sobretudo referente às crianças, seres responsabilizados a efetivarem a ação de luta necessária à sobrevivência.

A educação na Amazônia, no início do século XX, apresentava características de penúria quanto à estrutura de suas escolas, métodos, além da insatisfação dos profissionais envolvidos na ação pedagógica. Estes, quase sempre, se viam adoecidos, sem seus provimentos, sem os repasses necessários para o exercício da docência. Tudo isso Dalcídio constatou, ora como aluno das pequenas Vilas no Marajó/Pará, ora como inspetor escolar, profissão que exerceu no ano de 1939 na zona rural dos municípios de Oeiras e Salvaterra, também no Pará. Em um de seus relatórios, assim ele caracterizou essa educação ofertada nessas localidades:

Não encontrei funcionando esse curso. A professora regente da cadeira, normalista Claudomira da Costa Macedo, acha-se ausente da capital há um mês. A diretora, normalista Julieta Feio Monteiro, distribuiu os alunos do curso preliminar por várias classes para tentar manter o ensino a essas crianças. Essa dispersão, é claro, nenhuma vantagem [...] ou melhor nenhum resultado mínimo oferece [...]. Notei uma espantosa irregularidade de frequência, explicada em parte, pela ausência da professora Claudomira [...]. No 2º ano há mais frequência dos alunos. Já há uma fixação da criança

ao ambiente escolar. Em todo caso a professora não declarou que os alunos não estudam, não possuem aproveitamento. Entretanto, afirma ela que a matéria que mais interessa o aluno é o desenho [...]. A diretora suprimiu o recreio. Penso que deve ser restabelecido sob melhor controle da professora. O ensino de canto é mal ministrado. As crianças cantam mal. (JURANDIR, 1939)

Essa experiência na inspeção escolar, somada a tantas outras (nas zonas rurais, na capital do estado onde dera aula no subúrbio), serviria como matéria-prima ao romancista que, manipulando os recursos da literatura, construiria mundos, personagens e acontecimentos escolares. Vejamos a passagem em que Alfredo encontra o amigo Biá, na periferia da capital, Belém. Nesse encontro, eles relembram um pouco das vivências escolares que tiveram no Marajó, no interior do estado.

– Biá, tu te lembras daquela tua escola? A professora: Meninos, o Brasil é muito, muito, muito rico. Tem riquezas colossais. E tu: Professora, que é colossais? A mestra: Mas menino! E o nosso ouro e o nosso café e o nosso Conselheiro Ruy Barbosa? Escreva no quadro.

– Mas, professora, e o giz?

– Então no caderno: o Brasil...

– Nem um tico de papel que dirá caderno, professora.

– Tome papel, escreva a lápis.

– Lápis?

Que é que tinha naquela escola? O Inspetor chegava. A professora com aquela cara de quem sempre jejuava, vexada, gaguejando:

– Inspetor, nem unzinho material escolar? Estou sem um toco de giz.

– Providenciaremos, providenciaremos. Já decoraram o hino?

E a mestra voltava a ensinar que o Brasil... Vamos decorar o hino, criança. Os meninos cabeceavam, sequinhos, ou roíam seu torrão de terra, a ponta da caneta, muitos vindo de longe, remando, do de comer só o ar do rio, só, sem um torrão de açúcar, um chibé. As letras viravam aquela rosca no balcão, o pão na canoa ligeira, a farinha pesando na balança do Delfim, cuspiam. Não cuspiam no chão, mal-educados! Cantem. Nossa terra tem mais flores. (JURANDIR, 2019, p. 35)



Essa educação pública, ofertada no interior da Amazônia, diga-se de passagem, pouco se diferenciava daquela direcionada à grande maioria dos alunos na capital do estado. E o resultado disso tudo era a valorização e aquisição de saberes no dia-a-dia, nas trocas de experiências, nos encontros formativos que as amizades, as redes de sociabilidade pudessem ofertar. Esses contatos que impuseram conhecimento, que marcaram saber na formação de Dalcídio, podem ser exemplificados em seu depoimento a Perez (1964), quando relembra seu processo formativo, construído, na maioria das vezes, pelo apoio, pela colaboração dos amigos.

Saber ofício, não sabia. Em consequência, lia D'Annunzio, Guerra Junqueiro e um Dante em português, de Castilho, horrível. Conseguia amigos. Por exemplo: o Cícero Batista, guarda-sanitário, que me dava jantar, romances de Aluísio Azevedo e confessava a sua predileção pela Carne de Júlio Ribeiro. Havia ainda Josino Viana, professor de História, e em cuja casa reuniam-se jovens, para os quais o mestre lia, em voz alta, poesias de Samain. Dava ele notícias de Baudelaire e declamava Oliveira Martins, no capítulo sobre o Marco Antônio e a Cleópatra. (PEREZ, 1964, p. 91)

Na ficção de *Chão dos Lobos*, diversas são as influências dos amigos sobre o personagem central, Alfredo, mas nada se compara aos conhecimentos adquiridos no convívio com o agente de saúde “Seu Ribeiro”. O servidor público, natural de Mossoró, nordeste brasileiro, era um homem de muitas leituras jornalísticas, literárias, políticas e religiosas. No contato com Seu Ribeiro, Alfredo não somente aproveitava para pedir algum material emprestado, mas avolumava-se com as “aulas” fornecidas pelo homem, como aquelas praticadas no alagado em que moravam, no momento em que se juntavam para apreciar a paisagem natural, tomar banho de igarapé na localidade chamada Marituba. O contato de Dalcídio Jurandir com sujeitos ditos “eruditos” grafou conhecimentos no escritor que, por seu ofício, traduziu essas vivências para o mundo ficcional:

Alfredo toma o rumo oposto, fugindo, correndo à própria pergunta: Mas por que fujo? Por quê? Ela o esperava? E aí, atrás da veneziana, na emboscada a outra! De olhar perfeito, espia, sacudindo o cabelo nas costas, a alça da camisa escorrendo pelo braço, espiando, espiando. Correu na casa do seu Ribeiro.

– Tem aí um romance qualquer?

– *A Carne? A Carne?*

– De moça ler e velha ouvir. Um. Mas bem enorme. Tem o Carlos Magno?

– Bem enorme? *Quo Vadis? Serve?*

Correu com o livro para o portão nem sombra da zanoia. Entrou. Sobre a tina, sem fita no cabelo, descalça, ela batia e ensaboava roupa. Voltou com o livro ao seu Ribeiro.

– Mas já? Já leu?

– Já.

[...]

Foi jantar no seu Ribeiro, aquela comidinha tão da velha mãe do seu Ribeiro. O amigo lhe abriu um vinho e falou no filho pródigo, na reencarnação, em Messalina e Sodoma. (JURANDIR, 2019, p. 60-61)

Decorrente ou diretamente ligado a esse cotidiano que ofertava conhecimento, ofertava saber, Dalcídio sempre fora atento à dimensão do trabalho como prática educativa, numa relação em que o trabalho, exercido desde cedo, deveria trazer ligação direta com a realidade das pessoas, em particular das crianças, não subtraindo sua infância. Quando fora Secretário da *Revista Escola*, Dalcídio já manifestava essa compreensão. Ao escrever sobre o curso de Psicultura, por exemplo, que se intentava instalar no nordeste do estado do Pará, assim se posicionou: “A piscicultura nas escolas do Salgado vai ser o maior ‘centro de interesse’ da curumizada escolar [...]. Os métodos da escola rural devem inspirar-se nas condições e necessidades do trabalho e do interesse das crianças na sua própria ambiência” (JURANDIR, 1934, p. 35).

Sempre otimista, afeito a essa relação trabalho e infância, em sua leitura essa junção só apresentaria reprovações a partir do momento em que as crianças, pequenos seres ainda em

desenvolvimento, eram responsabilizadas por grande parte do sustento material de suas famílias. É o caso, como ele acentua, dos “ferrinhos”, pequenas crianças das periferias de Belém, empregadas na limpeza de parte da cidade:

Toda cidade conhece esses pobres meninos que limpam o capim das ruas calçadas. São os reco-reco que rasgam os paralelepípedos curvados e sujos, alegres dessa trágica alegria que a miséria obriga a trabalhar. Conheço o capataz dos ‘ferrinhos’. É um homem doce, tranquilo, fiel ao cumprimento de seus deveres, cheio de simpatia para todos os homens [...] mas o que ele podia fazer para meninos do reco-reco? [...] os meninos que maltratam os rins, dobrados sobre as calçadas, precisam de trabalhar assim porque lá em casa não tem ninguém mais que trabalhe por eles? [...] Quero me solidarizar com eles e mesmo quem não se sente humilhado diante de tão áspera pobreza e de tanta infância perdida? Sinto o seu drama errante pela cidade [...] Como compreenderão o mundo através de seus tempos, de seus ferrinhos, de seu pequenino salário e de seu caminho para casa onde, muita vez, a mãe está doente ou batalhando na tina de roupa? (JURANDIR, 1938, s/p)

Na prática desse trabalho, associada quase que exclusivamente à sobrevivência, Dalcídio faz questão de frisar a alienação por que passa essa construção de infância. E isso, como se observa na matéria jornalística, Dalcídio faz impregnado de certa compaixão e lirismo ante as infâncias negligenciadas, coisa que, a propósito, aprofundaria em sua descrição metafórica em *Chão dos Lobos*. Na representação romanesca, a penúria persiste, mães e filhos do trabalho infantil são pincelados como verdadeiros heróis de um cotidiano que insiste em subjugar-los.

dobradinhos sobre os paralelepípedos do meio da rua, os ferrinhos de dez anos catavam capim, reco-reco-reco-reco. Um senhor baixo, corado, paletó e guarda-chuva, tomava conta deles, como um velho guardador de carneirinhos sujos que pastavam aquele capim por entre os paralelepípedos. Era arrancar o capim, noutro dia o capim gelava. Um dos limpadores morava no Não-Se-Assuste. Mal acabava, ia catar pelo cais um servicinho, ajuda a varrer navio, passa um bom pedaço da noite escolhendo e separando os bagos do feijão do milho, o arroz do café e com isso trazia um sofrido mantimento para casa nem toda semana. Chegava tarde e aqui,



no lamaceiro, à noite, devolvia-se ao menino, entretido a soprar a velha flauta rachada, encontrada num aterro do lixo. Soprava, soprava, precisava a mãe:

– Dormir, Candoca, que é o emprego cedo, guarda é que é o peito pro capim que tens de arrancar, amanhã, olha a obrigação. (JURANDIR, 2019, p. 43)

Direta ou indiretamente essa condição trabalhista evoca, em pano de fundo, as condições socioeconômicas que grande parte da população, tanto na capital quanto no interior do Pará e na Amazônia no geral se encontravam/se encontram. Dalcídio em seus diferentes registros (ora jornalístico, de secretário educacional, ora de ficcionista), fizera questão de sublinhar a calamidade em que os moradores do subúrbio de Belém e das regiões longínquas do Pará se encontravam no início do século XX.

Isso, em grande parte, o mobilizou a ingressar no Serviço Especial de Saúde Pública, o SESP. A estratégia era estabelecer parceria do governo brasileiro com o estadunidense, em plena Segunda Guerra Mundial. O Brasil fornecia borracha, por exemplo, aos EUA. Em contrapartida, os EUA direcionavam ao Brasil recursos e conhecimentos de saúde pública, válidos, necessários ao combate do analfabetismo, da fome, do quadro generalizado de doenças que se via na Amazônia. Com esse acordo, temos novamente a noção de “tradução”, operada por Dalcídio Jurandir: ele, juntamente a Moacir Werneck de Castro, Armênio Guedes e Rubem Braga pegariam os conhecimentos de saúde pública e os traduziriam para uma linguagem acessível ao povo simples das diferentes localidades do norte do Brasil.

Essas últimas observações, em alguma medida sem muita relação, servem apenas para evocar nosso próximo investimento, a tradução de parte de *Chão dos Lobos* para a língua inglesa. Tratou-se de uma tarefa teórico-metodológica permeada de dificuldades, superações e readequações de procedimentos tradutórios, como se verá a seguir.

3. A vida da Aristocracia de pé no chão na dicção inglesa: desafios teórico-metodológicos na tradução para o inglês de *Chão dos Lobos*

A questão da *fidelidade em tradução* levada em consideração na pesquisa baseia-se na de Britto (2002, p. 65-66), que está estreitamente ligada à *correspondência* e à *perda*: “quanto maior a correspondência ponto a ponto entre os componentes de um dado elemento do original e os componentes da contraparte na tradução, menor terá sido a perda”, e mais fiel ao original será a tradução. Quanto à obra em questão, a qual apresenta muitos desafios – os regionalismos, por exemplo - estamos esforçando-nos ao máximo para encontrarmos soluções em inglês que sejam compatíveis com ideias específicas contidas no romance, bem como com seu efeito estético geral. Consultas a dicionários, glossários, profissionais da Tradução, estudiosos de Dalcídio e a fontes variadas estão sendo feitas para que se possa alcançar os melhores resultados possíveis. A metodologia de tradução adotada é adaptada de Britto (2006, p. 4), a qual é utilizada para traduções de poemas. Em relação à obra em questão, escrita em prosa, pretendemos traduzi-la dando grande atenção aos aspectos mais relevantes para cada cena da obra, e que sejam particularmente complicados de serem reproduzidos na língua-alvo. Assim, temos a intenção de: identificar as características mais significativas da cena; atribuir uma prioridade a cada uma delas, dependendo da maior ou menor contribuição por ela dada ao efeito estético total da cena; e tentar encontrar correspondências para as características que possam efetivamente ser recriadas. Quanto aos aspectos do texto-fonte que não conseguimos reproduzir na tradução, utilizamos notas de rodapé para levar o leitor a palavras específicas presentes no glossário já traduzido, ou então naquele extra.

A fim de que tal empreendimento fosse concretizado, fez-se necessário o uso de estratégias tradutórias. Algumas foram adaptadas de Menezes (2017) — inversão e acréscimo — e outra foi criada ao longo do projeto de pesquisa — substituição. Cada uma está explicada e ilustrada a seguir. Os exemplos de desafios tradutórios foram todos

retirados de parte da cena um, a qual encontra-se na seção “Apêndices” deste trabalho, bem como sua versão em língua inglesa. Todas as ilustrações presentes nesta seção apresentam a proposta de tradução ao lado de seu correspondente texto-fonte. Usamos o sintagma nominal “proposta de tradução” por acreditarmos que as traduções podem ser sempre revisadas, questionadas, discutidas por nós mesmos, ou então pelos nossos pares.

Em relação às características relevantes da cena um, destacamos a celeridade da movimentação do protagonista por Belém, assim como de seus pensamentos. A fim de reproduzirmos tal ritmo, usamos inversões, levando em consideração as diferenças morfosintáticas entre o português e o inglês. Além disso, acréscimos/explicitações e substituições foram utilizados para mantermos importantes elementos semânticos do texto-fonte.

3.1. Inversão

Consiste em inverter a ordem das palavras de um trecho do texto-fonte no trecho correspondente da tradução.

Texto-fonte	Proposta de tradução
Sempre ausente do Ginásio, às aulas não faltava	<i>Always absent from the Gym, he never missed classes</i>

Há, na segunda oração, inversão de palavras: “às aulas não faltava” = “*he never missed classes*”. A fim de mantermos o ritmo acelerado da cena, tal estratégia foi adotada. As línguas portuguesa e inglesa apresentam a mesma ordem básica das palavras em sentenças: sujeito, verbo, complementos. No entanto, a sintaxe do inglês permite menos inversões que aquela do português. Assim, se mantivéssemos a ordem das palavras, a oração ficaria “quebrada” — “*Classes? He never missed*” — o que afetaria, assim, a ideia de rapidez construída no começo da cena em questão.

Texto-fonte	Proposta de tradução
Pois sigo na Guilherme: surpreender no chalé o silêncio e os ratos,	<i>I go up Guilherme Street: surprise the silence and mice in the shack,</i>

Há, na segunda oração, inversão de palavras: “surpreender no chalé o silêncio e os ratos” = “*to surprise the silence and mice in the shack*”. Para reproduzirmos a ligeireza desse trecho da cena um, tal estratégia foi usada. Se mantivéssemos a ordem das palavras, o ritmo veloz seria interrompido: o adjunto adverbial de lugar *in the shack* ficaria no meio do trecho, o que nos obrigaria a inserimos vírgulas: *surprise, in the shack, the silence and mice*.

3.2. Acréscimo

Consiste no acréscimo/explicitação de elementos semânticos que não estão presentes no texto-fonte, através da adição/explicitação de uma palavra, expressão, oração/um período na tradução:

Texto-fonte	Proposta de tradução
Pois sigo na Guilherme: surpreender no chalé o silêncio e os ratos,	<i>I go up Guilherme Street: surprise the silence and mice in the shack,</i>

Na língua inglesa, uma oração como “*I go up Guilherme*” não faz sentido. Mesmo a sentença estando inserida no contexto da cena um, tal tradução ainda ficaria muito obscura. “*Go up*” tem vários significados em inglês: aumentar o preço/valor de algo; construir prédios; explodir algo; ir para a universidade; subir em uma rua com inclinação/seguir em uma rua, sendo, este último, aquele construído no trecho em questão. Assim, decidimos pela adição de “*Street (rua)*”, para auxiliarmos no entendimento de um leitor que, somente através

do inglês, será capaz de acessar a literatura dalcidiana.

Texto-fonte	Proposta de tradução
Sempre ausente do Ginásio, às aulas não faltava	<i>Always absent from the Gym, he never missed classes</i>

Uma tradução como “*Always absent from the Gym, never missed classes*” não seria inteligível na língua inglesa. Assim, na segunda oração, há a explicitação do sujeito “he”, o qual corresponde ao protagonista, Alfredo. As elipses do sujeito em português ocorrem com muita frequência, sem causar prejuízo ao entendimento de sentenças, devido às desinências de nossos verbos. Já em inglês, como a maioria dos verbos não apresentam marcações que correspondam aos sujeitos, estes elementos precisam quase sempre estar presentes, a fim de completarmos os significados dos enunciados.

3.3. Substituição

Consiste na substituição de uma palavra do texto-fonte por um sintagma nominal (adjetivo composto + substantivo) na tradução.

Texto-fonte	Proposta de tradução
Chover não passava. O céu aquele chumbo.	<i>The rain wouldn't stop. The sky had a lead-like color.</i>

A tradução palavra por palavra da segunda oração ficaria “*The sky that lead*”. Tal solução, mesmo inserida no contexto da cena um, ficaria incompreensível. No caso em questão, há a ideia de que as nuvens estão escuras, pesadas, e de que estava chovendo bastante. Poderíamos, por exemplo, ter traduzido “O céu aquele chumbo” por “*The sky was filled with heavy clouds*”, mantendo a ideia do grande peso das nuvens, do céu: pesados como um metal. Entretanto, perderíamos

a noção da cor cinzenta. Dessa forma, optamos por utilizar o sintagma nominal “*lead-like color*” para a tradução de “chumbo”, reproduzindo, assim, a ideia de céu pesado e cinza, como esse metal.

Texto-fonte	Proposta de tradução
Na praia, as amassadeiras roxeavam mão e beijo provando açaí nos paneiros, [...]	<i>At the open air market, the acai-mashing women purpled their hands and lips, tasting acai from the panniers, [...]</i>
Queria ver no rosto das amassadeiras e dos sobrados o reflexo do velame ao sol.	<i>I wanted to see on the faces of the acai-mashing women and of the two-story houses the reflection of the sails in the sun.</i>

Há, nesses trechos, a substituição das palavras “amassadeiras” e “sobrados” pelos sintagmas nominais “*acai-mashing women*” e “*two-story houses*”, respectivamente. Quanto ao primeiro exemplo, mesmo tendo acesso à ideia de que as mulheres estavam experimentando açaí, não fica claro se é para consumo próprio, ou se é para amassar o fruto e vender. Elas poderiam, por exemplo, trabalhar amassando algum outro item da culinária paraense, como a bacaba. Assim, com a ajuda de uma discente que estuda vigorosamente a obra em questão, descobrimos que “amassadeiras”, nesse caso, são as “mulheres que amassam açaí”. Então, para a tradução de “amassadeira”, encontramos opções como “*kneader*” (máquina que amassa), “*masher*” (utensílio de cozinha que amassa) e “*smasher*” (uma mulher muito atraente e sedutora). Cada uma delas apresenta outros significados, porém, cremos que nenhum deles se encaixaria no contexto da cena em. Em relação ao segundo exemplo, achamos versões em inglês como “*floor*” (andar em uma casa/edifício), “*loft*” (sótão), “*haymow*” (sótão de celeiro em que se guarda feno). Acreditamos que nenhum dos sentidos que tais traduções também abrangem seriam adequados para o desenho da cena. Nesses casos específicos, também seria



possível traduzirmos usando orações: “amassadeiras” por “*women who mash acai*”, e “sobrados” por “*houses which have two stories*”. No entanto, tais soluções tornariam o trecho prolixo, então, optamos pelos sintagmas nominais em questão.

Os desafios teórico-metodológicos discutidos nesta seção não desanimam nosso grupo de pesquisa, muito pelo contrário, eles nos levam a investigar soluções cada vez mais adequadas para retratarmos em inglês, da melhor forma possível, as peculiaridades da Amazônia Paraense.

4. Considerações finais

Quanto aos objetivos deste trabalho, podemos dizer que a pincelada sobre a vida comum amazônica, desenhada, traduzida por Dalcídio em sua obra pode encorajar outros estudiosos a começarem a olhar com mais atenção para o Pará: um estado-país tão rico em fauna, flora, cultura, literaturas, linguagens e que, lamentavelmente, ainda é muito negligenciado, em diversos aspectos, pelo restante do Brasil.

Além disso, a metodologia e as estratégias de tradução interlingual utilizadas podem servir como insumos para outros tradutores e pesquisadores da tradução, principalmente para aqueles que estudam Dalcídio, tais como os docentes da UFPA Campus Soure (Ilha do Marajó). Este estudo também pode ser considerado uma valiosa contribuição para a Literatura sobre a/produzida na Amazônia.

A versão em inglês da obra em questão pode ter um alcance mundial devido à importância atual dessa língua. Assim, poderemos contribuir com a projeção global de diversos aspectos da Região Amazônica concernentes, por exemplo, à sua riqueza cultural, beleza natural, dialetos e costumes locais. Através do presente estudo, as vozes amazônicas poderão ecoar ao redor do globo, disseminando as mazelas que enfrentam e sua forma singular de lidarem com elas.



Referências

BRITTO, Paulo Henriques. Correspondência formal e funcional em tradução poética. In: SOUZA, Marcelo Paiva de *et al.* **Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução.** Vitória: PPGL/MEL/Flor&Cultura, 2006.

BRITTO, Paulo Henriques. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. In: KRAUSE, Gustavo Bernardo. **As margens da tradução.** Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002.

CAMBRIDGE ONLINE DICTIONARY. Cambridge University Press: Cambridge, Reino Unido, 1999. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/>>. Acesso em: 14 jan. 2024.

CAMILO, A. L. J.; MENEZES, J. C. Book 1 and season 1 from the series Bridgerton: Intersemiotic Translation and Ethnic-Racial issues. **TRADTERM**, v. 46, p. 72-86, 2024. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/214382/202564>>. Acesso em 16 jun.2024.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária.** 13ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

DALCASTAGNÊ, Regina. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. **Revista CULT.** São Paulo, edição 231, fevereiro de 2018, p. 14-19.

FARIAS, Fernando Jorge dos Santos. Todo Filho é Pródigo – bateção de pernas do flâneur Alfredo, em Chão dos Lobos (Prefácio) In: JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos Lobos.** 2ª edição. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.

FARIAS, Fernando Jorge dos Santos; MORAES, Dislane Zerbinatti. **Dalcídio Jurandir e a Educação: de letrado provinciano a intelectual nacional.** 175f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em:<[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20032018-](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20032018-155518/publico/FERNANDO_JORGES_DOS_SANTOS_FARIAS_rev.)

155518/publico/FERNANDO_JORGES_DOS_SANTOS_FARIAS_rev.

pdf>. Acesso em: 25 maio 2024.

FARIAS, Fernando Jorge dos Santos; FARES, Josebel Akel. **Representação de Educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir:** (des) caminhos do personagem Alfredo em busca da Educação escolar. 123f. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Pará, 2009. Disponível em:

<<https://www.dalcidiojurandir.com.br/pdf/estudos-academicos/representacao-de-educacao-na-amazonia-em-dalcidio-jurandir-des-caminhos-do-personagem-alfredo-em-busca-da-educacao-escolar.pdf>> . Acesso em: 25 maio 2024.

GOOGLE TRANSLATE. Alphabet Inc.: Mountain View, Califórnia, EUA, 2007. Disponível em:

<<https://translate.google.com.br/m/translate>>. Acesso em: 14 jan.2024

GOVE, Philip B. **Webster's Third New International Dictionary of the English Language.** Springfield: Merriam-Webster, 2000.

JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos Lobos.** 2ª edição. Bragança: Pará.grafo Editora, 2019.

JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos Lobos.** Rio de Janeiro: Record, 1976.

JURANDIR, Dalcídio. **Relatório** [matrícula geral de 203 alunos de um curso preliminar]. S.l, 2fls. Manuscrito: Português. 1939. Acervo DJ-PI, Fundação Casa Rui Barbosa.

JURANDIR, Dalcídio. **Os “ferrinhos”** (sem indicação do nome do jornal do Pará). Belém, 1938. (Casa Rui Barbosa, acervo 2 “Dalcídio Jornalista”).

JURANDIR, Dalcídio. O Problema do Ensino Rural – curso de Piscicultura no Pará. **Escola:** revista do professorado do Pará. Ano I. Instituto Dom Macedo Costa. Belém, agosto de 1934, n.3, p.35-38. Biblioteca Pública do Pará, setor de obras raras.

KARIGER, Brian; FIERRO, Daniel. **Dictionary.com.** 1995. Disponível em: </<https://www.dictionary.com/>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

LOUREIRO, Paes. Universalização do particular (Parte II) In: **Literatura Amazônica: raízes locais e frutos universais.** Palestra na III Festa Literária Internacional do Xingu – FLIX. Altamira, 2021.

MENEZES, Juliana Cunha; BRITTO, Paulo Henrique; FREITAS, Maria Cláudia de. **Avaliação de tradução de poesia: a anotação na busca pelo consenso**. Rio de Janeiro, 2017, 196p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=30179@1> > Acesso em: 07 maio 2024.

PECKHAM, Aaron. **Urban Dictionary**. 1999. Disponível em: <<https://www.urbandictionary.com/>>. Acesso em: 14 jan. 2024.

PEREIRA, Carlos Jean da Silva *et al.* Glossário Amazônico Bilíngue – Português/Inglês. **ABRAPT: Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução**, 2024. Disponível em <https://abrapr.org.br/publicacoes/links-de-interesse/>. Acesso em: 07 maio 2024.

PEREZ, Renard. Dalcídio Jurandir. In: **Escritores Brasileiros Contemporâneos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

PROJETO CALDAS AULETE. **Aulete Digital**. Lexikon Editora Digital: Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 07 jun. 2024.

RESENDE, Beatriz. Lima Barreto: a opção pela Marginalia. In: SCHWARZ, Roberto. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SCHWARZ, Roberto. O paternalismo e a sua racionalização nos primeiros romances de Machado de Assis. In: SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. 5ª edição. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, São Paulo, 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

THEFREEDICTIONARY.COM. Farlex, Inc. : Huntingdon Valley, Pennsylvania, EUA, 2003. Disponível em: < <http://www.thefreedictionary.com/> >. Acesso em: 14 jan. 2024.

TORRES, Antônio; MARANHÃO, Haroldo; GALVÃO, Pedro. Um escritor no Purgatório. Entrevista com Dalcídio Jurandir. **Revista**

Escrita. São Paulo, 1976, p. 3-5 (Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, RJ: acervo “revistas”).

VILAÇA, Alcides. Machado de Assis: tradutor de si mesmo. **Novos Estudos CEBRAP.** n. 51, julho de 1998, p.3-14.

Apêndices: parte da cena um (texto-fonte e proposta de tradução)

Texto-fonte	Proposta de tradução
<p>Sempre ausente do Ginásio, às aulas não faltava. Sempre em Cachoeira, aqui escondido. Da José Pio, Ana, jaqueira, da velha avó, não sabia, deles tão perto, por isso mesmo mais separado. Maré vem, maré vai, três linhas para mãe: me mande ao menos o Dicionário, aquele, na mochila do búfalo. Sem resposta.</p>	<p><i>Always absent from the Gym, he never missed classes. Always in Cachoeira, hidden here. José Pio Street, Ana, Jackfruit, old grandma, no news, of them so close, therefore more separated. High tide, low tide, three lines to mom: send me at least the Dictionary, that one, in the buffalo bag. No reply.</i></p>
<p>Pois sigo na Guilherme: surpreender no chalé o silêncio e os ratos, entra pelos fundos, abre a despensa, reencontra dentro da garrafa a borboleta queimada há anos, está na saleta, o Major folheia o catálogo, saltam do álbum as francesas nuas e embalam a rede.</p>	<p><i>I go up Guilherme Street: to surprise the silence and mice in the shack, let's enter by the back door and open the lander, let's discover the long burned butterfly inside the bottle, he's in the lounge, the Major flips the pages of the catalog, while naked mademoiselles come out of the album and rock the hammock.</i></p>
<p>Ficou na escadinha da Port Of, vendo a lancha sair. Vendo a mãe, à noite, guiada pela acuraua, atrás de Mariinha pelo</p>	<p><i>He stood on the steps from the Port Of, watching the speedboat leaves</i></p>



campo, de bruços na beira-rio pescando o filho afogado. Aquela conversaçãõ na escada do chalé — a história do lilás, o pescador obrigado pelos fazendeiros a desenterrar o defunto, irmão deles, te gruda na morte dele, na morte que fizeste... — distanciava-se. Agora ouve a mãe em Muaná, entre os miritizeiros do avô, sentada nas pedras, no limo, nas lendas do Araquiçaua. Longe o som da moringa na camarinha de São Pedro, atravessando a baía. Do barco, que se afundava na memória, subia o rosto da mãe, ao som da moringa as águas serenavam.

Chover não passava. O céu aquele chumbo. Bondes carregados de mau humor, carvão e paneiro, de retardatários bocejando. A que rumo vai o rabeção da Santa Casa? O galego, tabuleiro na cabeça:

“A tainha! A pescada!”
Via pela cidade uma apressada

out. Watching his mother, at night, guided by weew, the nightjar, chasing Mariinha across the field, face down on the riverbank fishing her drowned son. That conversation on the shack steps — the story of the lilac, the fisherman forced by the farmers to dig up the corpse, their brother's, death sticks you in his death, the death it made... — he distanced himself. Now he hears his mother in Muana town, among the miritizeiro trees of the grandpa, she's sitting on the stones, on the slime, on Araquiçaua legend. Far away the sound of the moringa, clay jug, in St. Peter's chamber, it's crossing the bay. From the boat, which would sink in the memory, the mother's face rose up, by the sound of the moringa, the waters would calm down.

The rain wouldn't stop. The sky had a lead-like color. Trams loaded with bad mood, coal and strawy panniers, with latecomers yawning. Where does Santa Casa hearse go? The galician, tray on his head:

<p>gulodice, rápidos comedores de pupunha e camarão frito, mingaus bebidos num repente, todo o arroz-doce numa colherada, e cedo esvaziam açougues, aparadores de peixe, panelas de munguzá e caruru no Mercado de Ferro. A manhã, na feira da praia, se cobria de vinagreira, maxixe e cabelo de mulher. Içando os panos molhados, as canoas se enxugavam. Parda uma, subia a branca, azul aquela, esta vermelha alta, velame em cima, desabrochavam na maré seca, velas em girassol. Lá fora o rio passado a ferro. Na praia, as amassadeiras roxeavam mão e beíço provando açaí nos paneiros, donas no exigir o mais bom e a menos preço, os vendedores remancheavam.</p>	<p><i>“Mulletfish! Weakfish!”</i> <i>He would see through the city a rushing gluttony, fast eaters of pupunha and fried shrimp, suddenly-eaten porridge, spoonfuls of the world’s sweet rice, the butcher’s emptied early, fish-cleaning men, pots of munguza and caruru at the Iron Market. The morning, at the open air market, it covered itself with roselle, gherkin and women’s hairs. Hoisting the wet cloth, the canoes would dry up. The brownish one, that blue one, this red one at the top, sails on top, it went up the white, the sunflower sails blossom on the low tide. Ironing river over there. At the open air market, the acai-mashing women purpled their hands and lips, tasting acai from the panniers, masters in the requisition of the best with the low price, the sellers would stall.</i></p>
<p>Queria ver no rosto das amassadeiras e dos sobrados o reflexo do velame ao sol. Algumas janelas. Algum azulejo, certos semblantes.</p>	<p><i>I wanted to see on the faces of the acai-mashing women and the two-story houses the reflection of the sails in the sun. Some windows. Some tiles, certain semblances.</i></p>

--	--

Resumo

O presente estudo intenta analisar a tradução da vida do povo da Amazônia Paraense que Dalcídio Jurandir apresenta na cena um de sua obra *Chão dos Lobos*, bem como alguns dos desafios na tradução, do português para o inglês, dessa cena. Questões importantes referentes à tradução, ao retrato da vida amazônica presente no livro, bem como à teoria e metodologia utilizadas na tradução para o inglês, são discutidas.

Palavras-chave

Amazônia Paraense; Tradução Literária; Dalcídio Jurandir; Metodologia de Tradução

Abstract

This study aims at analyzing the translation of the peoples' lives in Pará's Amazon Region, presented in the scene one of Dalcídio Jurandir's *Chão dos Lobos*, as well as some of the challenges in the translation, from Portuguese to English, of this scene. Important issues regarding the translation, the portrait of Amazonian lives present in the book, as well as matters related to the theory and methodology used in the translation to English, are discussed.

Keywords

Pará's Amazon Region; Literature Translation; Dalcídio Jurandir; Methodology of Translation

